

## 6.

### Algumas considerações ainda necessárias

Sempre há alguma coisa que falta. Guarde isso sem dor. Embora, em segredo, doa.

Caio Fernando Abreu

*Mas...*

Venha quando quiser, ligue, chame, escreva – tem espaço na casa e no coração, só não se perca de mim.

Caio Fernando Abreu

Uma vida é sempre, quando conscientemente construída, um reflexo do pensamento, que inclui a observação do outro e pelo outro para se concretizar.

Como diz Schmidt, “o homem só pode reconhecer o que ele próprio produziu. Por esse motivo, o mundo que o homem vivencia é, e deve ser como é, *porque* foi o homem que o fez *deste modo*” [grifos do autor] (SCHMIDT, 1989a, p. 57). Mas ele constrói esse mundo a partir de modelos de realidade e programas de cultura que, internalizados durante o processo de socialização, moldam seu olhar.

Por isso, os caminhos propostos por esse trabalho começaram com alguns aspectos de contextos, a partir dos anos 1960, que possam ter envolvido as ações de Pierre Bourdieu, Edward Said – e agora confesso, também de Siegfried Schmidt. Não há como fugir dessa “máxima” do construtivismo citada acima e perceber como este trabalho foi construído sob a perspectiva da Ciência da Literatura Empírica e o até certo ponto novo construtivismo desenvolvido pelo teórico alemão.

Tive a intenção – e espero, em parte, ter conseguido – de expressar na escrita de cada parte o processo de desenvolvimento do meu pensar, em

espirais propostas por Schmidt, circularidades de Maturana, a “descoberta” da diversidade de escritas do espaço autobiográfico e a intensidade de nomes marcados em ego-escritos.

Leonor Arfuch (2010) defende que a questão da subjetividade, o modo de narrar e a razão dialógica são questões fundamentais para analisar formas de escritas autobiográficas como totalmente relevantes para o pensamento contemporâneo. Além de estabelecer que o espaço biográfico só pode ser redimensionado dentro da categoria da narrativa, o que pressupõe a complexa relação entre sujeito, linguagem, sociedade, valores compartilhados, práticas de comportamento, descartando a visão que toma por autêntico – porque verificável em termos de alguns feitos – o discurso biográfico.

Nesse sentido, quando os ego-escritos, percebidos como uma forma de autobiografia intelectual, se inserem na discussão instigante proposta por Arfuch, encontram-se irremediavelmente com os conceitos aos poucos desenvolvidos de processos de observação e de orientação, com argumentos não-dualísticos, nos quais atribuição da categoria verdade/verdadeiro é vista como estratégia do discurso que ajuda a determinar a qualidade comunicativa das declarações.

O sucesso na ação, não é, entretanto, sua congruência com algo existente fora de si, como na maioria das teorias de verdade como correspondência. A qualidade comunicativa pode aqui referir-se a coisas bem diferentes, dependendo do discurso: sucesso discursivo (conectividade), grau de utilidade, de parecer favorável, a força de convicção, a autenticidade, a prova, a conformidade, a coerência, a consistência etc.

No entanto, a literatura pode extrapolar o vivido, reunir a imaginação e a experiência, conjurar fantasmas que unam a forma sensível e o intelecto possível, enfim, a literatura pode produzir conhecimento – percebendo sua utilização explícita nos ego-escritos para esse fim.

E quando a teoria assume a escrita na primeira pessoa do singular, em certa instância, encarna a dimensão humana, o corpo – a dimensão empírica – e reafirma a grande responsabilidade do observador de segunda ordem. As

formas narrativas que os ego-escritos assumem na constituição desses sujeitos, de subjetividades, e vidas imaginárias (afinal, a construção das imagens pode conter possíveis acertos de conta ficcionais com o passado), explicitam também suas escolhas, seleções e contingências que permitem dizer que nossos atos nos revelam.

Isso é explicitar que, mesmo com o social que nos envolve, como diz Maturana (2005), somos seres vivos e, como tais, somos sistemas determinados em nossa estrutura. Para ele, isso significa dizer que quando algo externo incide sobre nós, o que acontece conosco depende de nós, de nossa estrutura nesse momento, não de algo externo (MATURANA, 2005, p. 26-27).

Pierre Bourdieu tinha a intenção consciente de construir teoria. Segundo Jerome, seu filho, em muitas de suas notas de trabalho – que ele não acha certo publicar, uma vez que não fazem parte da versão do livro aprovada por Pierre – Bourdieu não queria que *Esboço* fosse escrito ou lido como autobiografia ou livro de memórias, mas como livro científico, assim como os outros que ele escrevera, e em certo sentido, dado o seu tema, o mais difícil de todos (MAGGIORI, 2004). Mas vimos que são nos momentos em que a narrativa o aprisiona em recordações de suas escolhas e ações, a produção do conhecimento também se torna mais intensa e clara – afinal, o sujeito social ganha forma e emoção.

Edward Said, ao contrário, queria escrever memórias de infância e juventude, buscando entender sua história e compartilhar territórios construídos pela linguagem. Em várias passagens, suas memórias me remeteram à trilogia de Nagib Mahfuz (que Said cita como tendo ajudado a se reaproximar das lembranças de infância). Por exemplo, quando ele fala da mãe no Cairo – “Ao voltar da escola no fim da tarde, eu frequentemente a encontrava no terraço contemplando o Jardim dos Peixes; convidando-me a sentar a seu lado com um copo de limonada perfumada com águas de rosas” [...] (SAID, 2004, p. 326).

O seu corpo estava lá, em memórias de dores, amores, perfumes, inquietações. A leitura do livro nos mostra a construção de uma identidade que se recusava – até pelo nome – a ser fixa, e por isso se construiu como fruto de

dissonâncias. Mostra a transformação que acompanha a tomada de consciência da observação de segunda ordem disparada por um fato – gatilho cognitivo. Ou melhor, a dolorosa tomada de consciência de que o mundo em que vivemos é sempre e a todo o momento responsabilidade nossa.

A observação de segunda ordem – que, acredito, tem no ego-escrito um enorme potencial narrativo – representa uma forma do pensamento de risco do intelectual, que observa como conhecemos o que conhecemos, que pensa sobre o pensar enquanto se vive, conhece, aprende.

E como Schmidt fala o tempo inteiro – isso tem consequências que ultrapassam os muros do mundo acadêmico.

Questões metateóricas surgem o tempo inteiro. Como não somos leitores ingênuos, há no texto de Said a generosa oferta de acompanharmos a construção dos caminhos escolhidos de trabalho e vida – aqui, a produção de conhecimento envolve a cumplicidade emocional, a perspectiva acadêmica americana dos anos 50 e 60, as diferenças culturais e emocionais, as marcas da violência e do amor em diferentes contextos e níveis.

Por isso, em pesquisas sobre ego-histórias na internet, uma delas me entusiasmou. A utilização dessas narrativas na educação de crianças e jovens e, principalmente, na prática docente. Elas dão conta de abordagens metodológicas que lançam mão da relação entre história, memória e narrativa como possibilidades de intervenção e da tomada de consciência das influências que redundaram nas condutas em sala de aula com relação ao professor e ao aluno (ver, por exemplo, <[http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos\\_revistas/30.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/30.pdf)>; <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/025tcf3.pdf>>).

Afinal, é a volta à pergunta inicial de Maturana: O que queremos para nossas crianças? Que tenham uma postura reflexiva no mundo no qual vivem – crianças devem aprender a pensar sobre o pensar para que respeitem o outro como legítimo na convivência:

Mas que mundo queremos? Quero um mundo em que meus filhos cresçam como pessoas que se aceitam e se respeitam, aceitando e respeitando outros em

um espaço de convivência em que os outros aceitam e respeitam a partir do aceitar-se e respeitar-se a si mesmos. [...] a negação do outro será sempre um erro detectável que se pode e se deseja corrigir (MATURANA, 2005, p. 30).

E o que tem a ver com o construtivismo? A noção de que o conhecimento é um produto da auto-organização, que constrói seu entorno e molda e é moldado por nossa identidade nos leva a pensar sobre escolhas individuais que se concretizam em práticas e posturas diante de nossos pares em espaços de convivência.

Além disso, possibilita perceber, diante dos pressupostos aqui trabalhados, que a literatura como sistema inclui a teoria não apenas como um pós-processamento ou uma avaliação teórica, mas como prática de produção narrativa. As vidas dos professores Bourdieu e Said – assim como parte das escolhas deste trabalho que também contam a minha história – produzem essa certeza: viver para contar é uma decisão difícil, apaixonante e um tanto quanto polêmica de teóricos fabuladores.